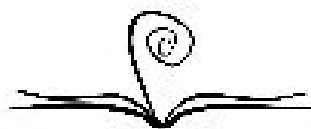


Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Do poder do mito a problemática do homem moderno: A visão coletiva do inconsciente humano

Diogo Moraes

Rio de Janeiro
2006

Fundação Oswaldo Cruz
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio
Curso de Formação Profissional em Bodiagnóstico em Saúde

Do poder do mito a problemática do homem moderno: A visão
coletiva do inconsciente humano

Diogo Moraes

Monografia apresentada como requisito
parcial para a obtenção do título de
Técnico em Bodiagnóstico

Orientadora: Valéria Lagrange

Rio de Janeiro
2006

Dedico este trabalho a minha orientadora, Valéria, pela confiança depositada em mim e por toda ajuda que me deu ao longo deste trabalho. Ambas foram de extrema importância para que não só esta monografia fosse realizada como para que eu pudesse obter um grande aprendizado

AGRADECIMENTOS

Agradeço a vida e a meu mestre, em particular, Por todas as lições de sabedoria que me tem me dado ao longo da minha vida, pois sem elas com toda certeza não teria aprendido metade do que sei, nem me tornaria a pessoa que sou hoje.

À minha família de coração que sempre me ajudou nos piores e melhores momentos.

Às pessoas que não estão mais na minha vida, mas que estarão eternamente em meu coração.

A todos meus irmãos e irmãs de fé e à minha eterna gênica.

A algumas pessoas especiais com as quais tive a oportunidade de viver vários momentos de grande aprendizado e vivência.

Por fim ao meu amor, Karina, por tentar fazer com que cada dia eu descubra uma felicidade que por muito rejeitei. NEOQEAV.

Resumo:

Com a cada vez maior conscientização, por parte dos intelectuais e da população em geral, quanto a problemática do homem moderno com relação a seus conceitos de mundo, é interessante a análise de uma teoria de base analítica de que existe uma psique inerente a todos os seres humanos, que transcende ao tempo e ao espaço. Esta é a temática principal dessa monografia que se baseia na hipótese da existência de um elo explicativo e atestador do inconsciente coletivo nos símbolos mitológicos de diversas culturas, tendo como representantes: a cultura ocidental e oriental. Para este fim se realizará uma pesquisa entre diversos autores que tratam de uma abordagem dos mitos através da psicologia analítica.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	7	
INTRODUÇÃO.....	8	
I – ELEMENTOS DE UM ESTUDO MÍTICO		
I.I - O MITO COMO PARTE INTEGRANTE DA HISTÓRIA HUMANA.....	9	
I.II - JUNG E SUA HISTÓRIA.....	11	
I.III - ENTENDENDO PARTE DO PENSAMENTO JUNGUIANO.....	12	
II – MITO DA CRIAÇÃO DO MUNDO.....		15
III – MITO DO SURGIMENTO DO HOMEM E RELAÇÃO COM SUAS DIVINDADES.....		22
IV – MITO DO CASAMENTO.....		27
V – MITO DO DUALISMO ENTRE O BEM E O MAL E DOS OPOSTOS COMPLEMENTARES.....		32
VI – PROBLEMÁTICA DO HOMEM MODERNO.....		37
VII – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		41

Lista de Ilustrações¹

Ilustração:	Página
1- Figura da Trimurti (Brahma, Vishnu e Shiva; respectivamente)	19
1 - Deusa Afrodite	21
2 - Figura de Ra	22
3 - Prometeu e o fogo divino	28
4 - Adão e Eva antes do pecado original	28
5 - Yin Yang	40

¹ Disponíveis em: pt.wikipedia.org

Introdução

É cada vez mais recorrente o estudo dos mitos como forma de auxílio ao entendimento da situação que o homem moderno se encontra. Na verdade este se firma como uma poderosa forma de se entender a cultura humana em geral. Com a fundamentação do inconsciente coletivo se abre um paralelo com o estudo mítico como uma resposta mais interessante e divertida de como o ser humano construiu seus alicerces.

Tento focalizar o trabalho nas idéias do psicanalista C. G. Jung, apesar de também citar seu “tutor” e grande personagem na área da psicanálise, Freud. Assim como os ideais junguianos, me utilizo de 4 mitologias que acho bem convenientes para uma análise : judaico-cristã, egípcia, grega e hindu. Cada uma teve suas visões expostas seguindo alguns mitos bastantes recorrentes e que sempre viram tema de debate: criação do mundo, surgimento do homem, casamento e dualidade entre bem e o mal. Todos esses temas tem suas explicações em vários mitos e culturas, inclusive nas escolhidas para este trabalho.

O último capítulo é uma pequena reflexão sobre como a vida do chamado “homem moderno” pode ser influenciada positivamente ou negativamente por rituais, símbolos e, claro, pelos mitos; e como podemos utilizar estes para influenciar as pessoas para grandes acontecimentos e ideologias.

Seria interessante que o leitor pudesse chegar a sua própria conclusão quanto ao poder do mito e como se dá a relação dele com o homem em si, principalmente, o chamado homem moderno.

1 . Elementos básicos do estudo mítico

1.1 O Mito como parte integrante da história humana

Normalmente há dúvida, sobre igualdade ou desigualdade, entre os conceitos de mito, fábulas e lendas é freqüente, porém estes três não significam a mesma coisa. A única convergência é que todos os três são, em si, narrativas.

As Fábulas normalmente utilizam animais como personagens para sempre passar uma lição de moral, essas narrativas perpetuam o imaginário infantil e abordam uma temática de uma vitória do “correto” sobre o “errado”, talvez seu mais famoso representante seja George Orwell e seu famoso livro: Revolução dos bichos [\(2003\)](#).

As Lendas geralmente são contadas de pessoa para pessoa e utilizam-se de elementos misteriosos e muitas vezes paranormais para contar fatos históricos ou do cotidiano. Estas lendas podem ser encontradas em nosso

folclore, e acabam sendo aceitas muitas vezes pelo, dito, senso-comum. Porém se seguirmos todos os passos do método científico não poderemos dizer que há uma comprovação científica acerca das lendas.

Já o Mito consiste numa narrativa voltada para o retrato histórico ou simbólico de uma cultura em geral. Ele possui, também, uma função de explicar o surgimento e a organização de uma cultura. Muitas vezes passam a ser simples ou complexas formas de manifestações psíquicas como por exemplo, o que se chama arquétipo, no qual falarei mais tarde.

Por estar relacionado à cultura humana, o mito sempre esteve presente desde o primeiro momento da nossa história. E todas as culturas e civilizações tiveram os seus. Quem nunca ouviu falar da mitologia Grega ou da Egípcia? Os diferentes tipos de mitologia através dos tempos sempre foram fascinantes para muitas pessoas e pesquisadores, até porque os mitos falam de temas importantes e fundamentais para a estruturação das sociedades humanas, além de serem as primeiras explicações sobre diversos assuntos como, por exemplo, o início do universo.

A história, em si, também pode ganhar uma leitura mitológica quando vier cheia de símbolos, que é o caso da mitologia Grega, já que corresponde a história simbolicamente falando da antiga Grécia. Outras grandes civilizações do passado também nos deixaram uma numerosa carga de histórias míticas onde é possível saber muitas características dessas civilizações. Os mitos sobre as diversas civilizações ou culturas presentes no mundo nos permitem observar não só características particulares, mas como também, certas características que são comuns a muitos mitos mesmo que as civilizações que a apresentem não tenham vivido na mesma época. A esse fato um psiquiatra, fundador da chamada psicologia analítica, Carl Gustav Jung, deu atenção especial.

Para ele qualquer ser humano precisaria viver em torno de um mito central para que este funcione como razão de ser (a teoria junguiana dá o nome de *self* a este conceito, que será trabalhado mais tarde), onde sem ele imperaria o vazio e desespero que substituiria valores diferenciais por

elementos de poder e prazer². Estudando mais as formulações desses mitos Jung formulou a teoria do inconsciente coletivo.

O inconsciente coletivo seria a ligação explicadora de características comuns a mitos de culturas muito distantes no espaço-tempo. Ele estaria dentro da psique humana e traria informações que seriam repassadas desde nossos ancestrais até hoje, como se fosse uma herança, mas ao invés de genética ela seria psíquica. Sobre o inconsciente coletivo falarei mais tarde. Interessante agora é falar um pouco sobre quem foi Jung.

² - Edinger, F. Edward, A CRIAÇÃO DA CONSCIÊNCIA, 1984, pág. 12.

1.2 Jung e sua história

Carl Gustav Jung nasceu na Suíça, em 1875, e se formou em medicina, dedicando-se, mais tarde, a área da psiquiatria, que tinha como grande expoente o austríaco Sigmund Freud. Mas a história de Freud com Jung vai do vinho a água. Jung teve contato mais íntimo com pacientes na área da psiquiatria, enquanto trabalhava num hospital em Zurique. De onde Jung teve contatos com as obras de Freud e começou a formular as suas próprias percepções a respeito de certos paralelos com mitos e símbolos de diferentes tradições religiosas.

Jung e Freud trabalharam juntos para a etapa de desenvolvimento inicial da Psicanálise, porém seus caminhos se distanciaram pela divergência de Jung quanto a fundamental importância que Freud dava aos impulsos sexuais e motivações de auto-preservação, Jung acreditava que o inconsciente não é subproduto da consciência, nem mero celeiro de desejos recalcados e frustrações sexuais.

Após a dolorosa separação de seu amigo, Freud, Jung se viu dentro de uma cruzada contra o inconsciente tentando entendê-lo em seus diversos aspectos. De seus estudos surgiu uma enorme herança para nós, tais como: complexo, inconsciente pessoal, inconsciente coletivo, arquétipo,...; além disso, Jung também escreveu sobre os tipos psicológicos, sobre Deus e sobre a relação da sociedade humana com uma divindade ou simplesmente com a religião.

Jung acabou morrendo em seu país natal em 1961, tendo sido responsável por inúmeros conceitos para a ciência que não só na área da psicologia. Muitos termos que foram surgindo através da pesquisa junguiana, foram absorvidos pelo senso comum e utilizados várias vezes em nosso dia a dia.

1.3 Entendendo parte do pensamento Junguiano

Vários conceitos novos surgiram, em Jung, para explicar de forma diferente da psicologia freudiana a forma de atuação do inconsciente e que para esta monografia vão além de simplesmente a apresentação de um conceito de mito. O caráter narrativo de um mito é respaldado igualmente por um caráter simbólico. Mas o que seria este caráter simbólico? Existem quatro tipos de manifestações presentes em nosso inconsciente, são eles: alegoria, sinal, símbolo e arquétipo.

A alegoria, ou também chamado de signo, é quando há uma representação figurada de um objeto ideal ou material, ou seja, ele advém de uma atividade mental consciente. Podemos visualizar este conceito na representação da justiça através de uma mulher de olhos vendados³. Uma alegoria pode ser representada de várias formas inclusive na escrita e na fala, como uma figura de linguagem retórica. Podemos ter outro exemplo utilizando um termo antes já apresentado, uma fábula pode ser descrita como uma alegoria curta que apresenta uma finalidade de passar uma lição de moral.

O sinal possui várias ramificações, usamos este termo para representar um semáforo de trânsito, para transmitir certa mensagem, normalmente codificada, em uma comunicação, como indícios de algo futuro como os chamados sinais paranormais ou sinais, no sentido médico, que também são indícios, mas de uma doença. Mas nenhuma destas variações serviria para explicitar bem como um sinal serve para expor uma manifestação de nosso inconsciente. Então poderíamos entender sinais como figuras sintéticas, que podem substituir elementos conhecidos do nosso cotidiano⁴. Um exemplo bem característico de um sinal são as asas estampadas nos quepes dos aviadores. As asas colocadas no quepe servem como figuras sintéticas que tentam representar o que identifica o poder de voar, as asas.

³ Oliveira, de Nise, JUNG: VIDA E OBRA, 1990.

⁴ Oliveira, de Nise, JUNG: VIDA E OBRA, 1990.

O símbolo junto com o arquétipo são as mais importantes formas de manifestações encontradas em nosso cotidiano. Faço aqui uma menção de que, na verdade, o arquétipo e o símbolo não se manifestam em si, eles precisariam de uma força, algo como um motivo, para brotar do inconsciente e se manifestar. Poderíamos definir estes como expressões de algo significativo, mas que no momento não existe uma formulação perfeita ou mais adequada⁵. Mesmo não se tendo uma explicação exata desse ato, um símbolo sempre é reconhecido como algo existente. Como exemplo, recorro à filosofia platônica e sua imagem da caverna, onde homens acorrentados vêem apenas os movimentos de sombras projetadas pelo lado de fora da caverna, sem se darem conta de que desconhecem a verdadeira realidade. Platão usa a situação descrita na caverna como um símbolo de como podemos ver a realidade. Na verdade o símbolo serve apenas como uma forma de dar direção e não uma explicação ao nosso mundo consciente, já que o símbolo apenas é uma forma mais adequada de algo e não sua forma definitiva. O símbolo está profundamente enraizado em nosso cotidiano, prova maior disso são os diversos símbolos religiosos que existem no mundo. Mas podemos recorrer ao mais simples das provas, que são os nossos sonhos. Que todos temos e é onde reside a maioria das manifestações simbólicas.

O arquétipo surgiu como um princípio fundamental da teoria junguiana, tanto que Jung coloca este na posição de modelos inatos que servem de matrizes arcaicas para o desenvolvimento da psique⁶. Eles serviriam como as tendências estruturais invisíveis que existe nos símbolos. Os arquétipos criam imagens ou visões que correspondem a alguns aspectos da situação consciente.

Porém, ainda há que se fazer uma distinção entre o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. Porém o que seria primeiro, o inconsciente? O inconsciente pode ser visto também como um complexo psíquico obscuro e profundo de onde brotariam certos complexos psíquicos como, por exemplo, o medo. Diferente do consciente, o inconsciente é de difícil acessibilidade, por isso ele ganha uma característica misteriosa e

⁵Oliveira, de Nise, JUNG: VIDA E OBRA, 1990.

⁶ Oliveira, de Nise, JUNG: VIDA E OBRA, 1990.

incognoscível, isso visto de um ponto de vista freudiano, já que a teoria junguiana expressa o inconsciente como sendo atemporal e sem ser portador de uma incognoscibilidade. Para Jung, especificamente, quando há uma relação dos conteúdos psíquicos com o ego sendo percebido por este estaremos falando de nosso consciente. Quando os conteúdos não são percebidos pelo ego, estaremos falando de nosso inconsciente⁷.

Jung então separou nosso inconsciente em dois: o pessoal e o coletivo. O inconsciente pessoal seria composto de conteúdos cuja existência decorre de experiências individuais, pessoais. O inconsciente coletivo seria composto de conteúdos impessoais, que seria comum a todos os homens e que seria repassado a nós como uma herança vinda de nossos antepassados.

Será que existe alguma forma, excetuando os mitos, de manifestações do inconsciente? Sim, existe, são os sonhos. Eles atuam como uma representação situacional do inconsciente, podemos dizer até que eles são desdobramentos dos mitos por possuírem uma linguagem arquetípica e simbólica. É a partir desse descobrimento da nossa consciência da situação que se encontra nosso inconsciente que Jung dá uma especial atenção ao sonho, onde ele é visto como um alerta ao nosso consciente de conteúdos psíquicos que não foram percebidos por ele e que acabaram sendo gravados no inconsciente. Na visão de Jung o sonho não teria nada de falso ou ilusório, ou de uma realização de um desejo reprimido, tese de base freudiana, mas infelizmente não cabe a mim neste trabalho diferenciar, profundamente, interpretações freudianas e junguianas, já que isto resultaria em uma análise muito maior de conceitos de ambos os autores.

Quando conhecemos muito bem os conceitos por trás das palavras podemos conseguir entender sua essência e muito mais que a palavra representa em certo contexto. A partir desses conceitos básicos se desenvolve parte do estudo junguiano sobre os mitos.

⁷ Edinger, F. Edward, A CRIAÇÃO DA CONSCIÊNCIA, 1984

2 . Mito da criação do mundo

Não existe, talvez, um mito que seja mais conhecido, difundido e que possua várias faces quanto o mito da criação do mundo. Na verdade podemos encontrar interpretações diferentes sobre como a Terra foi criada ou como a humanidade surgiu.

Para começar acho necessário fazer uma pequena ressalva. Podemos fazer uma delimitação das explicações da criação do mundo em dois grupos: uma mais científica, que utiliza-se do método científico para formular teorias para a criação do mundo como a do *big-bang* ou para o surgimento dos seres humanos como a teoria da evolução; mas podemos ter um outro grupo que se utiliza da fé e cria diversos mitos para explicar, de acordo com cada crença, essa temática. Claramente, a análise psicológica dos mitos utiliza-se das interpretações de conotação religiosa para colocar em prova seus fundamentos.

Escolhi começar analisar os diversos mitos da criação do mundo pelo o que tem maior abrangência em termo de quantidade de pessoas atingidas, que é a visão judaico-cristã do início de tudo, onde segundo a Bíblia, livro sagrado para a religião cristã, na qual está o velho testamento, que é a parte constituinte do *Tora*, livro sagrado judaico, o mundo foi criado por um Deus único e todo poderoso e que teria criado então os seres humanos em sua imagem e semelhança, começando por um homem, de nome Adão, e depois, se utilizando de uma parte da carne de Adão, criou a mulher como companhia para sua criação⁸. Este mito ainda conta com outros elementos simbolicamente significantes como a entrada no paraíso, a tentação do fruto, o desrespeito a lei divina, a tentação da fruta e demonização da serpente. Primeiramente podemos reparar em algo fundamental, na tradição judaico-cristã e na islâmica, que é a presença de um único criador, que é o mesmo Deus atual que governaria o mundo, um ponto de convergência entre essas três religiões. O que os leva a diferença em comparação com outras mitologias espalhadas no

⁸ Livro Gênesis, Bíblia.

mundo. As advindas do extremo oriente tem também, em si, um ponto de convergência que acaba divergindo da visão judaico-cristã e da islâmica, caso que também poderia ser visto na mitologia greco-romana. Estou falando de uma pluralidade divina para a criação do mundo. Isso se explica porque não existe nestas outras tradições um deus único que é o criador de tudo. O caso do hinduísmo se torna mais interessante ainda, visto a enorme quantidade de deuses e deusas cultuados por quem pratica essa religião⁹. Na mitologia hindu também há, assim como na mitologia cristã, a figura da divina trindade que é chamada Trimurti, que é composta pelos deuses Brahma¹⁰, Vishnu e Shiva. Os hindus contam o mito da criação de uma forma cíclica, diferente da cristã que tem uma percepção muito mais linear das coisas onde existiu um início e haverá um fim, com a volta do messias e salvador da humanidade, o que será abordado mais tarde.

Para o hinduísmo, Brahma é a força criadora do universo, disso apareceria Vishnu, que seria responsável pela manutenção da criação de Brahma. O ciclo se fecharia com Shiva que teria a função de destruir o mundo para que ele seja mais uma vez criado por Brahma e o ciclo voltará a se repetir até a data que tudo voltará a fazer parte do Deus absoluto, Brahman.

⁹ Na verdade o que conhecemos como hinduísmo é o somatório de várias religiões praticadas pelos habitantes da Índia e Paquistão

¹⁰ Este Brahma é diferente de outra figura divina hindu, o Brahman. Este último é um Deus absoluto e incognoscível ao homem e que aparece ao homem pelas formas descritas no Trimurti. Brahman é a chamada realidade última que está presente na essência de todos os seres.



Ilustração 6: Figura da Trimurti (Brahma, Vishnu e Shiva; respectivamente)

Na mitologia cristã, Deus cria um mundo e o homem para ser servidor de sua palavra, na mitologia hindu existe um auto-sacrifício de Deus pelo qual este se torna o mundo e o mundo no final dos tempos voltará a ele, o que abre um paralelo entre as duas segundo as palavras escritas na Bíblia “Tu és pó e ao pó voltarás” ¹¹. Pode-se perceber a mesma idéia básica de um retorno, presente em duas culturas muito antigas. A doutrina hindu remonta há 8000 anos atrás, segundo alguns pesquisadores. Elas se baseiam num arquétipo da volta àquilo que deu a origem seja sob a forma simbólica do pó ou direto a Deus.

Outras duas linhas de certa forma parecidas do mito da criação do mundo são os da mitologia Grega e da Egípcia. O ponto de convergência é que ambas defendem uma condição primordial antes da criação de qualquer coisa, admitem que havia um certo estado na qual surgiram a Terra e os seres humanos, este estado era o caos, não que este conceito de caos seja de uso exclusivo dessas duas mitologias mas nelas esse conceito se torna

¹¹ ECLESIASTES 9:5-6, Bíblia

fundamental para a construção de toda mitologia. E a partir daí através de contínuos eventos não muito entendidos pela nossa razão, foram sendo gerados outras divindades que no final geraram a Terra e os seres humanos.

Segundo a parte Grega da história, no princípio só havia o Caos, e em algum momento surgiu Erebus, o lugar desconhecido onde a morte mora, e Nix (noite). Havia apenas silêncio e vazio (se analisássemos etimologicamente a palavra caos, veríamos que este é um vazio cheio de possibilidades). Então, o Amor nasce produzindo um início de ordem, e se faz Luz e Dia, e a terra (Gaia) aparece. Erebus e Nix copulam e dão nascimento a Éter, a luz celestial, e Dia, a luz terrena. Gaia, sem auxílio de um ser masculino, gera Urano, o céu. Urano torna-se marido de Gaia. Da união de Urano e Gaia surgem diversos seres, com exceção dos Titãs, na qual Gaia tentava esconder pois Urano detestava-os e não queria que eles nascessem, tentando devorar todos os seus filhos. Entre eles estava Cronos, o deus do tempo. Para libertar-se, Cronos, cortou o órgão genital de Urano com uma foice, jogando ao mar, de onde teria nascido Afrodite. A dor de Urano fez com que ele se afastasse e fosse parar no teto do mundo, com isso, surge um espaço entre o céu e a Terra, que é onde vivemos¹².



Ilustração 7: Deusa Afrodite

¹² Coleção Divindades Gregas, 2005, pág. 13.

Para os egípcios, a criação do Universo faz-se de um único ato da vontade suprema, a partir do nada, da escuridão, do caos original. O seu criador chama-se Nun e era o espírito primogênito, o ser que tinha tomado o aspecto do barro. Com isso o barro Nun foi o berço espiritual, a primeira força em que ia tomando forma o novo espírito da luz, Rá, o disco solar, pai de tudo o que habita sob os seus raios. Da vontade de Rá nascem os dois primeiros filhos diferenciados da divindade: são Tefnet e Chu. A Primeira é a deusa das águas que caem na terra e o segundo é o deus do ar, e os dois filhos estarão com o grande pai Rá, compartilhando a sua glória e o seu poder e ajudando-o na longa e eterna viagem. Mas Chu e Tefnet dão prosseguimento à obra iniciada por Rá, criando da sua união outros dois novos filhos, o deus da terra Geb, e a sua irmã e esposa, a deusa do céu Nut, para que eles relevem à primeira geração de deuses e criem a terceira, a que vai estar na terra do Egito. Os filhos de Geb e Nut, os quatro filhos do Céu e da Terra, dois homens e duas mulheres (Osíris e Set, Isis e Néftis), formam a primeira geração de seres que vivem no solo do Egito. Em Nut, Ra encontrou Ptah e assim fica sabendo que tudo se havia dado por sua vontade, pois ele era a própria essência da Criação. Ptah explica a Rá que ele deveria Reinar sobre a Colina, mas que esta se expandiria, porque Nun (a água original), não tendo gostado de ter sua tranquilidade abalada, se retiraria para lugares distantes, voltando, contudo, com mais força, de tempos em tempos. Ela era o próprio Nilo e como tal, a fonte de toda a vida¹³.

¹³ Coleção Divindades Egípcias, 2005.



Ilustração 8 : figura de Ra

Diferente das duas primeiras mitologias apresentadas (a hindu e a cristã), a versão grega e a egípcia diferem em certos pontos, mas não deixam de apresentar suas interessantes particularidades. É bem característica, na mitologia grega, a não representação da dicotomia “bem” e “mal”, onde estes (bem e mal) fazem parte de cada deus, mostrando uma hora um lado “mal” e outra hora um lado do “bem” podemos visualizar através da luta entre Cronos e seu pai Urano para que o primeiro pudesse se libertar. Cronos também seria conhecido como um devorador de seus filhos por causa de uma profecia na qual dizia que ele seria derrotado por um de seus filhos, até que Zeus (um de seus filhos) cumpriu a profecia e derrotou seu pai assim como Cronos derrotou Urano. Podemos visualizar aí um tema arquetípico.

Certos elementos simbólicos encontrados nos mitos são bastante interessantes. Todos os mitos admitem um momento inicial parecido. Na mitologia cristã Deus está em um estado passivo, ele governa um universo que ele ainda cria, não há a menção ao que há antes de Deus criar tudo. Na mitologia hindu Brahman (a essência maior, e não o Brahma, a força criadora) está também em um estado sem se manifestar em nada até que resolve criar os deuses cognoscíveis da Trimurti. No caso grego e egípcio há um caos antes

que alguns deuses consigam dar início a criação da vida e de tudo, ou seja, em todos estes mitos existe um ponto de onde começa tudo.

É interessante também analisar um ponto entre a cultura hindu e a cristã. Normalmente as divindades hindus possuem muitos braços. Acredita-se que essa simbologia tem a ver com a criação da personalidade e a história de vida de cada deus. Poderíamos dizer que os braços têm uma característica simbólica muito parecida com a da auréola cristã, que é usada para identificar normalmente anjos, santos ou Jesus, ou seja, quem é a divindade.

Seja de qual lugar for o mito, todos os quatro têm certas características parecidas e outras diferentes. O inconsciente coletivo, como concebido por Jung, não tem como objetivo mostrar que tudo é igual em qualquer lugar do mundo. Isso seria dizer que esta teoria é contra a diversidade cultural que a sociedade humana possui. Interpretar o inconsciente coletivo como o elo obrigatório da qual cada cultura tem seu exemplo é um erro, na verdade cada cultura que produza um conteúdo psíquico que vá para o inconsciente coletivo está ajudando para que este tesouro coletivo aumente e não para que este se ratifique como forma única de vida em sociedade, ou seja, não é porque encontramos diferenças entre os mitos que vamos dizer que eles não possam fazer parte do inconsciente coletivo já que “saíram do padrão”. A particularidade de cada história tem a ver com a própria particularidade humana de viver, pois não somos iguais uns aos outros.

O próprio Jung admitia a existência de “inconscientes coletivos” próprios de determinadas culturas ou civilizações. Ou seja, padrões culturais diferentes que produziram essas diferenças nos mitos. Isto é, imprimiram a “marca” ou característica daquela cultura nos temas universais – como o filho que supera o pai; a criação e a destruição do mundo; a jornada do herói etc.

3. Mito do surgimento do homem e relação com suas divindades

Algumas formas de se ver o surgimento do homem já estão contidas no mito da criação do mundo, caso este o da cultura cristã. A história do surgimento de Adão e Eva faz parte do mito da criação judaico/ cristã por eles serem reflexos diretos do próprio deus na Terra, já que foram criados à imagem e semelhança dele. Neste mito o homem faz parte da criação máxima de Deus. Já na Terra, Eva teria caído na tentação de comer o fruto proibido, após ser convencida por uma serpente. Ela teria então dado início ao pecado entre os homens, através da quebra da inicial inocência humana.

Uma história semelhante pode ser vista no mito grego. Zeus era o senhor do céu e deus supremo, filho de Cronos com Réia, e que teria matado seu pai, o que estaria escrito numa profecia, e com isso se tornou um dos mais poderosos deuses da mitologia grega. Após vencer seu pai, Zeus resolve dividir o cosmo colocando seu irmão Posêidon como senhor dos mares e seu outro irmão, Hades, como senhor do subterrâneo e o vencedor Zeus fica com o céu, se tornando senhor do Olimpo. Ai se tem um grande simbolismo, Zeus destronou assim como seu pai vários titãs, o que no caráter simbólico representaria a vitória do ser humano sobre as forças da natureza, mesmo Zeus sendo reconhecido como uma figura divina. A humanidade no mito grego convive com os deuses, mas sendo seres muito inferiores às classes divinas como a dos titãs ou a de heróis. Mas é exatamente aí que reside uma semelhança entre o pecado cristão cometido as custas de saber - o que era o fruto proibido - e uma história bem conhecida da mitologia grega, o roubo do fogo divino feito por Prometeu.

Diz o mito grego que certa vez enquanto os homens faziam um sacrifício de um boi a Zeus, Prometeu enfiou ossos embaixo da gordura do animal e cobriu os miúdos com a pele do mesmo. Zeus, então escolheu a gordura do boi pensando ser a melhor parte mas logo descobriu a trapaça e decidiu por punição tirar o fogo dos homens (o fogo era algo muito sagrado para os povos da antiguidade). Prometeu não contente, resolveu comprar outra briga com

Zeus e o desafiou tirando o fogo divino do conhecimento e entregando-o aos humanos, ensinando-os a conservá-lo. A partir disso os homens podiam se reconhecer como homens e se diferenciar dos outros animais. Por isso alguns dizem até que quem criou a humanidade foi Prometeu, onde após notar que não havia uma criatura que pudesse usar as forças da natureza e se comunicar com os deuses, ele confeccionou o homem com lama.

Prometeu, claro, sentiu a fúria de Zeus que o mandou acorrentar num rochedo em cima do monte Cáucaso, onde todos os dias uma águia ia comer-lhe o fígado, que, sendo Prometeu imortal, voltava a regenerar. A duração desta punição era para ser de 30.000 anos.

Este mito de Prometeu tem muito a contar em termos de simbologia. Quem diria que os gregos há milhares de anos atrás, mesmo tendo uma ciência muito evoluída, saberiam que o único órgão humano capaz de se regenerar era exatamente o fígado? Fígado este que Prometeu perdia a cada momento que a águia o comia. Através desta imagem arquetípica os gregos anteviram um grande passo que só seria dado muito tempo depois, na evolução da medicina, ou seja, era presente neste mito uma descoberta científica que apenas seria confirmada tempos mais tarde. Mais espetacular ainda é como os símbolos deste mito se correlacionam com o mito cristão. A começar pelo roubo de algo considerado divino. No caso cristão Adão e Eva roubaram o fruto da árvore proibida, no caso de Prometeu ele roubou o fogo divino, que também era proibido ao homem. Outra semelhança está no fato que tanto a maçã, quanto o fogo deram um conhecimento ao homem que as autoridades divinas não queriam. Ambos se reconheceram como homens após comerem do fruto ou usarem do fogo. Ambos mostram uma vontade humana pelo conhecimento e até mesmo pelo desrespeito divino. O roubo do fogo ou a ingestão do fruto proibido, podem ser vistos como uma audácia humana pela busca de conhecimento e de compartilhá-lo entre si sendo algo que lhes foi ensinado como proibido. Simbolicamente, esses mitos falam da conquista da consciência, da maturidade do homem que, a partir dessa conquista, passa a ser responsável pelos próprios atos (sair do paraíso equivale à perder a inocência).

No mito grego, Prometeu acabou acorrentado no alto de um monte sofrendo um terrível suplício, no mito cristão Adão e Eva foram expulsos do jardim do Éden, sendo também simbolicamente acorrentados aos seus pecados para sempre.

Prometeu também foi perseguido por outras formas pelo próprio Zeus. Primeiramente, Zeus resolveu se vingar das várias artimanhas de Prometeu, criando a mais bela das mulheres que ganharia uma incrível habilidade de conquistar o coração dos homens, ela recebeu o nome de Pandora. Esta foi enviada a Prometeu na qual Zeus mandou que lhe entregasse uma caixa. Porém Prometeu desconfiou da bela Pandora e acabou a recusando, contudo seu irmão Epimeteu, mesmo avisado, resolveu casar com a bela e assim a caixa foi aberta, deixando escapar todos os males do mundo. E assim como no caso bíblico a humanidade acabou sendo amaldiçoada para sempre e terá que andar sob o peso de seus erros.



Ilustração 9: Prometeu e o fogo divino



Ilustração 10: Adão e Eva antes do pecado original

Na mitologia egípcia o incumbido de comandar os destinos dos homens e das coisas num tempo anterior àquele em que os homens pudessem se estabelecer numa sociedade própria era Ra. Ele então decidiu tomar a forma

humana e realizar a unificação do Egito. Ele foi o primeiro Faraó e em seu governo tudo e todos prosperaram. A pujança era tanta e a alegria tamanha que, aos poucos, os homens deixaram de reverenciar Ra por seu trabalho, o que fez o Deus se revoltar contra seus súditos. Utilizando-se dos segredos que só ele conhecia, Ra criou uma Deusa maligna chamada Sekhmet, uma mulher com corpo de leoa e tamanho gigante, e a enviou para punir seus súditos ingratos.

Por vários dias Sekhmet destruiu vilas e matou pessoas promovendo um banho de sangue jamais visto. A crueldade da Deusa fez com que os homens se lembrassem novamente de seu Deus-Faraó, rogando-lhe que fizesse a Deusa Leoa parar a carnificina. Com a ajuda dos outros deuses Ra conseguiu acabar com a temível Sekhmet, que ameaçava destruir a humanidade.

Mais uma vez se percebe um afronte entre a humanidade e seu Deus. Os egípcios começaram a não o idolatrar como Ra gostaria e este acabou punindo a humanidade com a criação dessa deusa que ameaçou exterminar a raça humana.

Histórias de extermínio da raça humana também não são exclusivas do Egito. O mito Cristão da Arca de Noé representa bem isso. Ele conta que Deus decide acabar com a humanidade, através de 40 dias de chuvas ininterruptas. Mas caberia a Noé, um escolhido de Deus, construir uma arca e levar consigo um casal de cada animal que habitava o planeta, inclusive uma mulher para que eles repovoassem o planeta. Mais uma vez um mito trata da fúria de um Deus com a criatura humana que não corresponde aos ciclos e aos desejos deste Deus/Pai?).

Na mitologia Hindu a humanidade surge através de Abhimani que é filho mais velho de Brahma, conhecido também por Agni (fogo). Teve três filhos, Pavaka, Pavamana, e Suchi, personificando os três fogos que produziram a Terra e a humanidade. Abhimanin representa o princípio cósmico, a força primordial na evolução do universo, o fogo é representado como desejo de criar. Seus três filhos, por sua vez, representam os três aspectos diferentes de

Agni (fogo). Interpretado no plano humano, poderíamos dizer que eles representam o "Espírito, Alma e o corpo".

Mais uma vez a simbologia do fogo é usada para expressar a criação da humanidade. Como forma de mostrar o poder desse elemento natural, muitas culturas fazem referência ao fogo mostrando também seu poder de renovação e purificação, além de destruição. Para os Hebreus, Deus se revela ao profeta Abraão na forma de fogo. Além disso ele também aparecerá em outras formas no mito cristão. Por exemplo, quando ele é o elemento que fala junto com uma árvore, a Moises para que liberte o povo de Deus. Deus se personifica nessa árvore em chamas para passar uma mensagem a seu súdito. Mesmo sendo diferente a utilização desse símbolo das outras culturas, o fogo também se mostra presente no conjunto de mitos cristãos.

4. Mito do casamento

Podemos dizer que o relacionamento entre duas pessoas é um tema bastante abordado em qualquer roda de conversas e no campo da mitologia não seria diferente. Junto com o tema da criação, este é o mais abordado e permite várias visões, que neste caso estão muito próximas em reproduzir o tipo de sociedade a qual pertence o mito.

No caso grego podemos reparar na história de Zeus e sua esposa Hera. Algumas histórias contam que o número de amantes do deus do céu seria em torno de 115. Muitas deusas faziam parte da lista do Deus do trovão mas o que parece estranho para o homem moderno e principalmente para o ocidental, Zeus também teve um caso com um homem mortal de nome Ganimedes. Caso este não estranho para aceitação grega já que o homossexualismo era considerado natural naqueles tempos. Na verdade Hera que pode ser vista como a traída da história por nós homens modernos, pode ser condenada por incesto já que ela é filha de Cronos , logo irmã de Zeus. O universo cultural dos gregos realmente era muito diferente das concepções que temos atualmente. Traição, incestos e o homossexualismo tinham outra forma de ser vista. Mas também uma coisa não mudou de lá para cá. A reação da deusa Hera frente as artimanhas de seu marido é típica de qualquer mulher que se sente traída ou que é ciumenta. Hera tenta se vingar de várias formas atacando principalmente as amantes de seu marido.

Mas se os românticos detestaram saber sobre este lado grego da história, eles iam adorar saber que também existem relatos bem românticos na mitologia grega e não só nela. Já que na verdade quem nunca ouviu falar do Cupido?

A figura do cupido aparece na mitologia grega como filho da deusa Afrodite. Ele é um menino de asas (ou para um cristão , um anjo) que leva consigo um arco e uma flecha e a cada flechada em um coração, acaba suscitando paixões. Na verdade existem versões de que Eros no início do mundo onde só havia o caos, serviria não só como a forma de atração entre pessoas mas também para manter unido e coeso todo o cosmo.

Outra figura mitológica muito parecida com o cupido, de nome Kama, que inclusive influenciou a escrita do famoso livro do Kama-Sutra, aparece na mitologia hindu. Kama é o deus do desejo e aparece com os mesmos símbolos que o cupido romano, o arco e flecha, acertando o coração de várias vítimas deixando-as apaixonadas. Assim como Eros, Kama foi o primeiro deus a nascer, ele teria surgido das águas cósmicas do início dos tempos. A primeira manifestação deste deus foi o desejo e depois o desejo de satisfazê-lo.

Diz a lenda que após seu nascimento, Kama teria dado uma flechada em Brahma e o fez apaixonar-se por sua própria filha. Brahma teria ficado muito irritado e teria lançado uma maldição em Kama, dizendo que um dia ele seria reduzido a cinzas por uma das vítimas de sua flecha. Certo dia, Kama resolveu lançar uma flecha em Shiva, enquanto este meditava. Shiva teria ficado irritado e lançado um relâmpago no “cupido hindu” e teria reduzido-o a cinzas cumprindo a maldição descrita por Brahma. O kama sutra mesmo tendo vindo para o ocidente como uma fonte puramente sexual, tem uma conotação muito espiritual para o hinduísmo, o livro traria um guia para uma vida melhor numa próxima encarnação já que o sexo era considerado uma ação divina onde ao unir pessoas ele seria capaz de resolver desentendimentos de vidas passadas e melhorar as futuras. Para os indianos¹⁴, assim como para a igreja católica, os contraceptivos nunca deveriam ser usados pois isto seria como evitar uma lei da vida.

Histórias românticas também podem ser vistas no mito hindu. Conta-se que Krishna vivia rodeado de ordenhadoras e com sua flauta seduzia as meninas da região. Uma menina de nome Radha era sua preferida. Ela ficava imaginando o dia em que Krishna seria somente dela. Até que certo dia Radha e outras ordenhadoras se banhavam num rio, quando ela começou a cantar, o que chamou a atenção de Krishna. Ao chegar ao local o deus escondeu as roupas de todas as meninas e disse que só as devolveria se cada uma delas o beijasse. Porém um demônio ateou fogo na região fazendo com que Krishna o apagasse e acabasse ficando chamuscado. Radha ficando com pena do pequeno deus deu-lhe um beijo, que o deixou hipnotizado fazendo esquecer as

¹⁴ Coleção Divindades Indianas, 2005.

outras meninas. Em plena felicidade Krishna teria dançado a noite toda e depois confessado seu amor à moça¹⁵.

Mesmo sendo uma linda história de amor, o casamento na sociedade hindu se deve a outra união. A união entre Shiva e Parvati. O casamento é um dos rituais hindus mais importantes. Ele se realiza na casa da noiva (diferente da tradição judaico-cristã, de um casamento em uma igreja) e consiste numa longa cerimônia cheia de regras simbólicas que pode durar dias. Tudo começa com o pai oferecendo a noiva ao futuro marido. Após isso, os noivos trocam presentes, normalmente jóias ou colares de flores. A troca desses presentes tem como simbologia a certeza da vontade dos noivos, algo no culto cristão parecido com a troca de alianças como forma de cada um dar seu voto de confiança ao outro. No centro do altar hindu fica aceso um fogo que representa a testemunha do casamento. Quando chega a hora de se concluir a cerimônia os noivos dão juntos sete passos na direção norte fazendo sete pedidos, no fim a esposa fica do lado esquerdo do marido. Essa tradição vem da união de Shiva e Parvati, na qual Parvati se recusou a encerrar o casamento antes de Shiva fazer sete pedidos, que aceitou e exigiu que Parvati fizesse o mesmo. Existem muitas semelhanças entre a cerimônia de casamento hindu e a cerimônia cristã.

Segundo a tradição cristã o sacramento do casamento foi dado por Deus, quando ele criou Adão e Eva pois ele desejou que o homem e a mulher participassem ativamente de sua criação. Portanto, ele criou seres complementares que se atraem mutuamente e é somente desta união que podem surgir novos seres humanos que darão continuidade à criação, logo há uma grande rejeição a idéia do homossexualismo praticada por outras culturas.

O que constitui o casamento como sacramento é sua indissolubilidade e fidelidade pois estes são os elementos que sinalizam, no casamento, a aliança de Deus com os homens. Logo todas as histórias de traição e incestos existentes no mito grego são inaceitáveis do ponto de vista cristão, já que não reproduzem o que Deus teria dito.

¹⁵ Coleção Divindades Indianas, 2005.

O casamento entre os egípcios não dependia da lei. Bastava a concordância do casal envolvido. Na realidade eram firmados contratos entre as partes para garantir, sobretudo a situação da mulher nos casos de divórcio, mas não havia leis que impunham o estabelecimento do contrato. Dessa forma ficava selada a união. Apesar de toda a religiosidade do povo egípcio, nada existia de parecido com uma benção nupcial no templo. Com o necessário consentimento do pai da noiva, o que selava a união era a saída da moça da casa de seus pais para viver na do marido.

Ainda que os faraós pudessem desposar suas irmãs e até mesmo as próprias filhas por razões dinásticas, o povo em geral não adotava a mesma prática incestuosa. No entanto o casamento de tios e sobrinhas parecia bem aceito pela sociedade ¹⁶.

O que se pode observar é que cada mito representa características particulares de sua civilização. Cada um ilustra como era a lógica social e até mesmo política e científica de cada sociedade. O interessante é que mitos com relação á união entre um homem ou mulher seja eles na forma mortal ou na forma divina, vem moldando a nossa visão de relacionamento. Os mitos gregos por exemplo, tratam de assuntos hoje considerados polêmicos e até mesmo inaceitáveis, como por exemplo o incesto. O que é algo muito comum entre divindades também do antigo Egito.

Cometer adultério também era uma praticada bastante comum naquela época apesar de não ser bem aceita. Várias lendas surgiram com essas práticas. O que falar do mito da Guerra de Tróia?

O mito diz que Helena, que era filha de Zeus e de Leda, não foi com o príncipe troiano Páris por vontade própria. Foi sequestrada sob ameaça de Páris de que ele mataria sua filha Hemíone, se ela não o seguisse. Hera, inimiga de Páris, guardou Helena no palácio do rei Proteus, e em seu lugar mandou a Tróia um pouco de nuvem que se parecia com ela. Tal rapto desencadeou a guerra de Tróia. Na verdade o mito de Tróia tem um começo anterior a este, no caso quando foi perguntado a Zeus quem seria a deusa

¹⁶ Coleção Divindades Egípcias, 2005

mais bela do olimpo: Afrodite, Hera e Atenas. Porém Zeus se recusa a decidir e passa sua responsabilidade para o sincero Páris , que sofre tentações de todas as deusas, escolhendo a deusa Afrodite, aquela que lhe havia prometido a mais bela mulher, Helena¹⁷.

Os simbolismos por trás das cerimônias religiosas apresentadas nos mitos cristão e hindu se aproximam muito um do outro. Várias alegorias são usadas para representar a perfeita união entre duas pessoas segundo as leis divinas de cada cultura. Mas é importante lembrar que cada mito apresenta uma imagem reflexiva do comportamento de cada sociedade. A sociedade cristã segue o que seria a concepção de casamento de seu Deus, por isso não vemos mitos com casos que estejam fora dessa concepção já que seriam considerados hereges, ou seja , contra a doutrina divina. Diferente da cultura grega que possuía várias histórias de deuses que cometiam traições, homossexualismo, entre outras práticas que para eles eram normais, logo para os mortais humanos estas práticas também o eram.

¹⁷ Coleção Divindades Gregas, 2005

5. Mito do dualismo entre o bem e o mal e dos opostos complementares.

Este é outro tema mitológico, ou simplesmente mitologema, que rende muitos estudos. Para este caso me abstenho de só usar as quatro mitologias já antes trabalhadas, isso porque acho interessante levantar outros símbolos presentes em outras culturas.

Mas começando pelo mito cristão, podemos ver a primeira distinção entre o bem e o mal presentes, na história de Lúcifer. Segundo a Bíblia, Lúcifer seria um anjo, onde o próprio nome diz cheio de luz, que trabalhava junto a Deus. Porém Lúcifer concebeu o orgulho e a vaidade em seu coração e tentou se igualar a Deus, provocando uma rebelião no céu. Sendo derrotado por seu criador, Lúcifer acabou sendo concebido como um anjo caído e personificação do mal na Terra. Sendo expulso do céu junto com outros anjos rebeldes, passou a habitar terras inferiores a criação de Deus, surgindo então o inferno.

A Bíblia então conta diversos mitos e lendas nas quais a personificação do mal, que seria conhecida como demônio, Satã ou Satanás e não mais o anjo decaído Lúcifer, batalharia eternamente com Deus até o juízo final. O Armagedon seria o nome da batalha final entre o exército de Satã contra as forças de Deus, de onde, segundo a Bíblia, Deus derrotaria seu antigo anjo.

A luta entre o bem e o mal na mitologia cristã é sempre presente e nesta cultura existe uma dicotomia muito grande onde o bem nunca se mistura com o mal. O sentido da vida para um cristão poderia ser resumido na vitória do poder de Deus sobre as forças de Satã. O apocalipse chega a ser um dos livros da Bíblia mais procurados, já que é exatamente nela que está contado o chamado fim do mundo. As alegorias psíquicas representantes das chamadas forças do mal no cristianismo. Várias religiões ditas pagãs foram demonizadas pela Igreja antiga apesar de alguns símbolos terem sido absorvidos. Outro episódio muito marcante foi a perseguição feita na Idade Média contra os adoradores das chamadas seitas ocultistas, a bruxaria como exemplo, e outras crenças, que acabaram sendo mortos na fogueira da Inquisição ou convertidos a força ao

cristianismo. Acreditava-se que alguns humanos, principalmente aqueles acusados de bruxaria, possuíam uma marca no corpo que seria a marca do demônio. Isso representa nada mais do que uma personificação, utilizando-se de alegorias, da luta entre o bem e o mal presentes na Terra. Os cristãos se utilizaram durante muito tempo da alegoria de uma marca ou até de um sinal demoníaco para vencer, na Terra, a luta contra o mal.

De um lado se encontra a virtude e do outro lado o pecado, ou a luz e a escuridão, ..., existem diversas formas de se observar esse dualismo como forma antagônica uma da outra isso porque na visão judaico-cristã presente no ocidente o próprio ser humano é feito de uma dicotomia, a dicotomia entre o corpo (o pecador, impuro, que precisa evoluir) e a alma (a essência de cada um , o espírito que foi concebido sem pecado e que se obedecer às leis divinas, permanecerá ao lado de Deus pela eternidade) Então para o cristão o corpo é suscetível às tentações do “mal”, o que cairia no pecado. A alma poderia ser salva pelo perdão de Deus.

A visão do corpo separado da alma, que seria imortal, cópia de cada ser humano, também era compartilhada, em parte, pelo pensamento egípcio¹⁸. Eles acreditavam que através de um processo de mumificação¹⁹ a alma do morto, principalmente a do Faraó, teria uma entrada melhor no mundo dos mortos. Normalmente presentes, ouro e muita bebida e comida eram deixados perto dos cadáveres para que as almas tivessem uma vida boa em outro mundo.

Essa grande dicotomia entre alma e corpo característico em algumas sociedades e representadas por seus mitos, pode ser vista como uma tentativa de separação entre opostos. Neste caso, existe na filosofia oriental uma tendência contrária a isso. É mais característico a filosofia oriental apresentar uma união dos opostos.

¹⁸ É preciso ressaltar que também havia uma representação divina baseado numa mistura entre a alma e corpo, já que alguns deuses eram representados por corpos humanos com cabeças de animais.

¹⁹ Mumificação é o nome do processo aprimorado pelos egípcios em que retiram-se os principais órgãos, além do cérebro do cadáver, dificultando assim a sua decomposição. Geralmente, os corpos são colocados em sarcófagos de pedra e envoltos por faixas de algodão ou linho

Para representar isso me utilizo da mitologia chinesa e seu símbolo do Yin Yang. O Yin significaria o princípio passivo, feminino, noturno, escuro, frio. O Yang significaria o princípio ativo, masculino, diurno, luminoso, quente. Aparentemente eles representariam mais uma dicotomia de opostos como as apresentadas antes, porém diferente das demais o Yin Yang representa um outro tipo de filosofia, uma tendência à união e não à separação.



Ilustração 11 : Yin Yang

Para a maioria do pensamento oriental, assim como para a mitologia grega e egípcia, a dicotomia corpo e alma não existe enquanto entes separados, ou seja, não existe essa separação de forma conflitante. O princípio do Yin Yang mostra uma união entre estes opostos, onde estes se complementam e não se delimitam. Há neste símbolo um equilíbrio entre as partes. Enquanto o objetivo na visão ocidental é a vitória do bem sobre o mal, os orientais buscam o equilíbrio entre essas forças.

Se observarmos a simbologia da divina Trindade existente no cristianismo poderemos fazer certas reflexões. O pai e o filho (Deus e Jesus), como Deus e o homem, representariam opostos que se encontram na cruz (elemento este que representa uma certa união de opostos, já que a cruz é formada por uma madeira vertical e outra horizontal). O Espírito Santo seria o elemento conciliador, emerge da oposição entre o pai e o filho, assim ele só pode aparecer após a morte do filho na cruz, ou seja, para o cristianismo, a consciência surge do conflito dessa dualidade.

Outra representação parecida com a da divina trindade cristã é a história do egípcio Amon. Este seria rei dos deuses , pai do faraó que é considerado como filho de Deus nascido de uma mãe virgem (assim como Jesus nasceu de Maria, um nascimento sem o pecado original, um pecado relacionado ao corpo, por isso o Faraó era considerado Deus na Terra). Amon é o espírito santo com quem a virgem gera o salvador que governa a terra do Egito. Um paralelismo muito parecido com a missão do messias Jesus na Terra, um Deus que teria vindo para salvar a humanidade de seus pecados, e que , no caso de Jesus, liberta através de seu sacrifício na cruz, onde ele liberta seu espírito em detrimento do sofrimento de sua carne.

Se elencarmos Buda como a figura mais parecida simbolicamente com Jesus, por serem representantes de uma grandeza espiritual fora do ser humano, podemos fazer uma relação de opostos entre eles. Considerando que, segundo a bíblia, cristo foi crucificado, o que representaria um estado de consciência vindo da agonia e sofrimento. Já no caso de Buda, que teria evoluído a um estado “divino” através da meditação representaria uma consciência enquanto serena e bem-aventurada. Enquanto Cristo teve um estado de consciência através da aceitação da sujeição ao corpo, Buda teve este estado através de uma total transcendência ao mundo.

Para a psicologia junguiana encontrar e suportar a união de opostos é vista como forma de se evitar a consumação de um ser por arquétipos ativados. Isso leva ao que Jung chama de objetivo psicológico de todos os homens, o processo de individuação.

Este processo pode ser representado em uma série de conteúdos psíquicos (que podem ser imagens arquetípicas), que podem aparecer para o ego na forma de sonhos, por exemplo, que teriam como traço mais característico o encontro dos opostos como forma de permitir um aumento da consciência.

Segundo Nise de Oliveira “o processo de individuação não consiste num desenvolvimento linear. É movimento de circunvolução que conduz a um novo centro psíquico. Jung denominou este centro de self (si mesmo). Quando

consciente e inconsciente vem ordenar-se em torno do self a personalidade completa-se. O self é o centro da personalidade total, como o ego é o centro do campo do consciente”²⁰.

Na verdade é importante frisar um ponto, o processo de individuação não pode ser confundido com um individualismo que as pessoas podem desenvolver. A individuação não busca a perfeição do *self* e sim a complementação do mesmo, ela é necessária para uma melhor relação coletiva, através da evolução de cada um.

²⁰ Oliveira, de Nise, JUNG: VIDA E OBRA, 1990.

6. Problemática do homem moderno

O homem moderno se vê envolto, a cada vez mais, em um sentimento de estar perdido. Toda geração pensa que a sua será a última geração existente na Terra, mas ultimamente as pessoas tem ganho uma maior descrença em relação as coisas e a si próprias.

Cada vez mais o homem moderno se vê derrotado por seus complexos e certos arquétipos ativados. Não produzimos novos rituais como os povos antigos, será por falta de temas? Não acredito nisso. Tivemos um incrível desenvolvimento tecnológico, um crescimento populacional e não conseguimos gerar novos mitos nem com relação a tudo isso, talvez até pelo contrário, perdemos o hábito de seguir antigas tradições.

Atualmente não aceitamos ou entendemos mais a importância da mitologia, o que acaba criando uma situação de repressão dos mitos modernos. Isso afeta a todos já que esses conteúdos psíquicos reprimidos acabam tendo sua importância negada e acabam gerando distúrbios psíquicos de certo modo graves, como a esquizofrenia.

A perda do nosso contexto mitológico resulta no sentimento de existência sem sentido que hoje espreita por toda parte, como resultado da nossa educação e perspectiva positivista em relação a tudo.

O próprio hábito de casar na igreja, no caso de uma pessoa cristã, fica a cada dia que passa, parte de um passado romântico da humanidade. Hoje aumenta exponencialmente o número de uniões apenas no papel sem o ato simbólico do matrimônio.

Pior que estarmos defasados em relação aos rituais, é o fato de alguns seres humanos terem se aproveitado de alguns mitos para basearem certos princípios que se mostraram ruins para a humanidade depois. Um dos que fez isso foi Adolf Hitler. Hitler utilizou-se de um poderoso mito para conseguir adeptos e o poder, o mito do herói alemão, que acabou sendo ignorado por outros povos fruto do nosso otimismo e materialismo. Um mito que poderia unir o povo alemão em torno de um ideal de nacionalidade, acabou se tornando

algo nocivo e destrutivo para a humanidade. Um povo que havia a pouco tempo havia se estabelecido com um estado nacional e carecia de uma coesão, prato cheio para a doutrina nazista. A própria representação simbólica mais conhecida desta doutrina é uma cruz chamada Suástica, que tem um significado totalmente diferente da usado pelos nazistas. Os hindus já utilizavam este símbolo para cerimônias religiosas e de casamento muito antes de ter seu significado simbólico deturpado pela doutrina nazista.

O uso da suástica era associado pelos teóricos nazistas à sua hipótese da descendência cultural ariana de uma parte da população (dita legítima) alemã. Seguindo a teoria da invasão ariana da Índia, reivindicavam os nazistas que os primeiros arianos naquele país introduziram o símbolo, que foi incorporado nas tradições védicas, sendo a suástica o símbolo usado pelos invasores brancos. Também acreditavam que o sistema de castas hindu tinha sido um meio criado para se evitar a mistura racial. Através do pensamento de não miscigenação racial, os nazistas perseguiram ciganos, judeus, negros, entre outros, para que apenas a raça ariana povoasse a terra. Esse é um grande exemplo de como um mito pode ser usado de forma equivocada e perigosa, onde uma doutrina se apodera de uma filosofia e acaba fazendo diversas ações prejudiciais a maioria da população que muitas vezes nada tem a ver com isso.

Outro que também pode ter se utilizado de um mito antigo para basear um pano de fundo de sua ideologia foi o tão famoso filósofo alemão, Karl Marx. Diferente de Hitler, Marx não baseia sua crítica ao capitalismo, um dos temas de sua obra, utilizando-se de uma linguagem de excelência racial.

Marx utiliza-se do mito judaico-cristão em volta do papel do justo, onde o proletariado (receptor de sua mensagem) é uma vítima, cujos sofrimentos são invocados para mudar o estado ontológico do mundo.

Aqui podemos também dizer que Marx utiliza-se da dicotomia ente bem e mal, para explicitar sua luta de classes (um dos grandes temas de sua ideologia). Para ele o proletariado (simbolicamente representado como o bem, o oprimido) deveria derrubar o sistema dominante dos grandes capitalistas

(simbolicamente representado como o mal, o opressor) através de uma revolução, na qual o proletariado passaria a ser a classe dominante e vitoriosa. Nada muito diferente da eterna luta ocidental entre o bem e o mal, onde duas classes sociais se assumem, para Marx, a personificação do bem ou do mal. Além disso, há uma grande e eterna luta que será vencida pelo “bem” através de um grande confronto. Com esse discurso baseado na oposição simbólica e fundamental entre o proletário e o capitalista, o ideal marxista se espalhou como um consolo para muitos que viam o sistema atual como injusto e decadente.

O mito judaico-cristão, em Marx, serviu muito mais como uma forma de revolta contra um modelo dito injusto e desigual, que a mitologia de uma raça pura usada por Hitler. Ambos se apoiaram em mitos para fortalecer simbolicamente seus ideais, porém de formas diferentes. No caso de Hitler o mito serve como justificativa, no de Marx, serve como exemplificação.

Outro grande problema avistado no homem moderno é sua cada vez mais completa ausência de rituais. Rituais de todos os tipos estão sendo aos poucos apagados. Deixo aqui uma reflexão a um possível motivo, a cada vez maior materialização e padronização da vida moderna. Dois fatores para isso: a constante lógica da globalização junto com união entre os países e suas culturas, e a troca do valor espiritual pelo do capital.

O processo de globalização não é de todo mal, mas é preciso ter um certo cuidado com o mesmo, já que a aproximação das culturas é interessante do ponto de vista do conhecimento e da troca de informações. Com uma maior aproximação entre certas regiões distintas e isoladas do planeta podemos ter acesso a novas filosofias e sabedorias e com isso entender cada parte heterogênea do globo. Porém a globalização pode trazer o que chamei de padronização das coisas, já que o pensamento e a cultura da maioria predominariam em detrimento da de muitos outros. Com isso um certo ritual que é seguido há séculos pode simplesmente ser suprimido aos poucos pelo padrão da maioria. Isso fica claro no problema de todo trabalhador moderno, principalmente aquele que possui uma grande rotina, que é a falta de tempo.

Hoje, algumas pessoas costumam caracterizar as grandes cidades através de um simbolismo característico. A constante correria do cotidiano. Pessoas que trocam até sua alimentação para dispor de mais tempo dedicado ao trabalho. Isso traz uma constante escolha entre cumprir os mandamentos do que a pessoa acredita ou os mandamentos do que o relógio determina. Um exemplo pode ser dado com os cristãos. Hoje é cada vez menor o número de cristãos que fazem o sinal da cruz antes das refeições assim como um número maior que deixam de frequentar as igrejas. No caso da igreja católica se faz até uma diferenciação entre os católicos praticantes e não praticantes.

Outro problema que levantei foi o fato da troca do valor espiritual pelo do capital. Exemplo mais característico desse fenômeno pode ser observado em datas comemorativas. No ocidente a data de nascimento de Cristo foi associado à figura alegórica do Papai Noel, o bom velhinho que agracia as crianças com presentes como forma de mostrar sua bem-aventurança e vontade de um mundo melhor. Meses antes da data do natal, as lojas já se enfeitam com alegorias e símbolos ligados a Jesus e a papai noel.

Modernamente, poderia até se dizer que a figura de papai noel virou um símbolo. A representação de um bom senhor que aparece nas noites de natal distribuindo presentes, antigamente para as crianças, hoje, para toda e qualquer pessoa. Com isso o simples valor de confraternização familiar pelo nascimento do que representa o salvador para mais de dois bilhões de pessoas, divide espaço com cada vez maiores campanhas publicitárias para vendas de natal. Virou uma obrigação, até com o espírito fraternal do mito cristão representado no natal, dar um presente nesta data.

7. Considerações finais

Digo com a absoluta certeza que o estudo dos mitos não é algo que deva ser apenas resumido ao campo da psicologia. Vários exemplos foram dados de como eles estão e estarão sempre presentes em nossas culturas. Os exemplos que dei de dois grandes personagens da história não resumem a influência e manifestação de símbolos e dos arquétipos em todas as culturas.

Infelizmente à mitologia é dada pouca importância no campo científico mesmo com grandes trabalhos e pesquisadores como Joseph Campbell e o próprio precursor, Jung. Isso se soma à dificuldade de se achar o mito. Como? Na verdade existem várias maneiras de se contar um mito, isso pode ser visto muito porque o mito, em si, é uma narrativa, e com isso podemos retratá-la de várias formas, mesmo tentando ser o mais fiel à história original. Foi constante a preocupação de tentar retratar o mais fiel possível todos os elementos simbólicos apesar de ter encontrado, até mesmo nas mais famosas histórias míticas, diferenças que por muitas vezes se tornavam cruciais.

O ser humano tem em si uma característica muito peculiar que é a sua busca pelo conhecimento. Por isso um estudo do inconsciente coletivo é mais do que fundamental isso por ser um conceito que trabalha com o coletivo, ele não retrata um grupo particular ou uma parte do ser humano, mas sim a todos. Isso seria uma busca pela, que digo a mais difícil, intrigante e sábia forma de conhecimento, que é o auto-conhecimento. E nada melhor que a exemplificação através da simbologia, seja ela sobre qualquer forma de metodologia, e não só sobre a que decidi trabalhar (que no caso é um estudo através dos mitos).

O estudo mítico também tem uma grande importância para os profissionais da área de saúde. Primeiro porque ela é um exemplo de manifestação de arquétipos e símbolos (como antes mencionados), e isso ajuda na identificação de possíveis aflições que um paciente pode estar sofrendo. Na área da saúde mental seria de extrema importância o estudo dessas manifestações, já que além delas estarem presentes em algumas doenças, elas servem como uma análise da situação do paciente.

A análise de mitos para o conhecimento do ser humano através do inconsciente coletivo é na minha opinião uma maneira interessante e rica, pois permite uma série de análises e comparações com nossa situação atual, já que os mitos têm a característica de serem atemporais. Com isso, seria de extrema importância para qualquer estudo acerca das sociedades e da própria relação humana consigo ou com outros atores.

Um mito assim como sua análise, devem ser tratados como mais uma forma do ser humano conseguir alcançar seu pleno desenvolvimento tanto psíquico quanto em qualquer área do saber. Conhecendo as diversas manifestações culturais o ser humano pode adquirir um conceito muito pouco usado nos tempos atuais, a tolerância. E com isso conseguir evoluir.

Referências:

COLEÇÃO DIVINDADES EGÍPCIAS, São Paulo: Abril, 2005.

COLEÇÃO DIVINDADES GREGAS, São Paulo: Abril, 2005.

COLEÇÃO DIVINDADES HINDUS, São Paulo: Abril, 2005.

EDWARD, Edinger, F. A CRIAÇÃO DA CONSCIÊNCIA, São Paulo: Cultrix, 1984.

KRISHNA. BHAGAVAD GITA, São Paulo: Martin Claret, 2004.

OLIVEIRA, Nise, JUNG: VIDA E OBRA, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ORWELL, George. A REVOLUÇÃO DOS BICHOS. São Paulo: Biblioteca da Folha, 2003.

TSÉ, Lao. TAO TE CHING, São Paulo: Martin Claret, 2004.